

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NEOLIBERALISTA DO MBL NO FACEBOOK: Como o Movimento utilizou das mídias de rede para propagar o ideal liberal durante as eleições presidenciais de 2018

Beatriz Martins de Oliveira (IC) e Vinicius Prates (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Observando os contextos de transição de mídias de massa para mídias de rede, e as mudanças nos discursos políticos, principalmente no âmbito econômico, que causaram polarização a sociedade brasileira desde as eleições de 2018, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise da construção do discurso neoliberalista do Movimento Brasil Livre (MBL) em sua página no *Facebook* durante o período das eleições presidenciais brasileiras de 2018, com o intuito de compreender como o movimento utilizou esta mídia de rede para (re)construir e propagar o ideal liberal no Brasil. A pesquisa também teve como objetivo descobrir a maneira que os discursos são defendidos, como os sujeitos são convocados para os meios digitais, e entender as características das mídias de rede, usando o MBL como exemplo. Como método de análise foram utilizadas as teorias de discurso hegemônico presentes na obra de Laclau e Mouffe (2015), buscando entender quais significantes foram atribuídas às funções de “nós” e de “outros”. Os principais resultados atingidos com este estudo foram que para propagar seu discurso, o MBL utilizou de técnicas de significante, usando o termo “Brasil” para criar uma equivalência entre aqueles que têm pensamentos parecidos com os do grupo se mostrando quase como um justiceiro, lutando contra os problemas que afligem a população brasileira, como a corrupção, atribuindo toda a culpa ao PT, significante vazio que representa o “outro”, apresentando como saída o ideal neoliberalista.

Palavras-chave: MBL; Neoliberalismo; Discurso.

ABSTRACT

Observing the contexts of transition from mass media to network media, and the changes in political discourses, especially in the economic sphere, which have caused polarization to Brazilian society since the 2018 elections, this paper aims to present an analysis of the construction of the neoliberalist discourse of the Movimento Brasil Livre (MBL) on its Facebook page during the period of the 2018 Brazilian presidential elections, in order to understand how the movement used this network media to construct and propagate the liberal ideal in Brazil. The research also aimed to discover the way that discourses are defended, how subjects are summoned to digital media, and to understand the characteristics of network media, using the MBL as an example. As a method of analysis, the theories of hegemonic discourse present in the work of Laclau and Mouffe (2015) were used, seeking to understand which signifiers were

assigned the roles of "we" and "other." The main results achieved with this study were that to propagate its discourse the MBL used signifier techniques, using the term "Brazil" to create an equivalence between those who have similar thoughts to those of the group showing itself almost as a vigilante, fighting against the problems that afflict the Brazilian population, such as corruption, assigning all the blame to the PT, an empty signifier that represents the "other", presenting as a way out the neoliberalist ideal.

Keywords: MBL; Neoliberalism; Discourse.

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XX, uma nova forma de sociedade e, posteriormente, de comunicação surgiu: a de massa. Desde o seu início, esta forma de comunicação obteve forte influência em várias esferas da vida de seu público. Por seu grande alcance, utilizando aparelhos como a televisão e o rádio, muitas vezes a mídia de massa se tornou ferramenta de manipulação, principalmente no âmbito político.

A comunicação em massa perdura até os dias atuais, porém com a chegada da internet, este modelo perdeu espaço para um novo formato, o de rede. A comunicação em rede, diferente da de massa, permite que o receptor seja ao mesmo tempo passivo e ativo diante de uma informação, há uma comunicação direta e instantânea entre o expectador e o meio que propaga a informação.

Diante desse contexto de transição, ocorreram as eleições presidenciais brasileiras de 2018, as mídias de massa, anteriormente uma das principais plataformas para a disseminação dos discursos políticos, foram superadas, especialmente pelas redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*, que se tornaram palcos de debates intensos e polarizados, de uma maneira pouco vista no país.

Essa polarização se deu não apenas pela mudança no modo de se comunicar, mas porque, no mesmo período, o Brasil também enfrentava uma disputa pela hegemonia de discursos por parte da esquerda e direita, que vinha se construindo desde 2013, com uma onda de manifestações por todo o país, passando pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016, e se estabelecendo por completo em 2018. Neste cenário, o discurso neoliberalista, que já tinha uma parcela de apoio na política brasileira, reacendeu com toda a força por meio de movimentos e páginas online, as chamadas *think tanks*, que, segundo Modesto (2018), já atuavam há um bom tempo em países latino-americanos, mas nunca obtiveram grandes sucessos em implementar hegemonicamente as ideologias liberais até aquele momento. Porém, diante das mudanças comunicacionais, das crises econômicas enfrentadas e da nova conjuntura política, esses *think tanks* foram ganhando bem mais espaço, e, "de forma sutil, iniciaram suas ações em defesa do livre mercado, desferindo ataques aos direitos trabalhistas e as políticas de bem-estar social efetivadas nestes governos progressistas (MODESTO, 2018, p.15)

Com a chegada da crise econômica, gerando o descontentamento e incitando a pressão da burguesia nacional e das instituições ligadas ao capitalismo internacional diante da necessidade de reformas liberais com o intuito de promover a volta do “crescimento econômico” (MODESTO, 2018, p.15)

Dito isso, o objeto de estudo desta pesquisa será a página do *Facebook* do Movimento Brasil Livre (MBL), um dos movimentos mais engajados politicamente na época, tendo grandeparticipação nas manifestações de 2013, que seriam conhecidas posteriormente como jornadas de junho, e nas manifestações a favor do impeachment de Rousseff. A página do *Facebook* foi escolhida pois, em 2018, contava com mais de 3,2 milhões de seguidores, não contabilizando os seguidores das contas menores dos coordenadores do movimento, sendo a maior página política do *Facebook* Brasil no momento das eleições e um exemplo de *think tanks* em nosso país.

O problema de pesquisa que norteia esse estudo é: De que forma o Movimento Brasil Livre (MBL), utilizou das mídias de rede para disseminar ideais neoliberalistas, durante as eleições presidenciais de 2018?

Para McLuhan (1964), o meio é a mensagem, desta forma, o local em que uma mensagem é transmitida é tão relevante como a mensagem em si, portanto, para entender a sociedade é imprescindível que se entenda a forma vigente de comunicação. Os meios de comunicação, sejam elas de rede ou de massa, são de grande influência no comportamento dos indivíduos, tais como em decisões nos âmbitos individuais, sociais e políticos.

Com os avanços tecnológicos, a mídia também se adapta. No período em que a comunicação em massa era a mais utilizada, a televisão era um dos meios de informação e entretenimento mais consumido pelas pessoas, sendo assim utilizado como um dos maiores recursos políticos para conquista de votos persuadir. Porém, com a vinda da internet, esse recurso se tornou ultrapassado, e as redes sociais ganharam mais espaço, se tornando o maior meio de persuasão política.

A eleição de Bolsonaro e a (re)ascensão dos ideais neoliberalistas no Brasil ilustram bem a questão do declínio da influência nas comunicações de massa e a ascensão das comunicações em rede. Por esse motivo, se faz necessário compreender como essas novas mídias ajudam a propagar discursos de que forma influenciam nas questões políticas.

Sendo assim, o objetivo principal do projeto é analisar como o MBL construiu seus discursos a favor do neoliberalismo durante o período das eleições presidenciais de 2018. Além deste, também há os objetivos secundários tais quais descobrir a maneira que os discursos são defendidos, como os sujeitos são convocados para os meios digitais, e entender as características das mídias de rede, usando o MBL como exemplo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mídias de rede

De acordo com Lasswell (1927), no formato da comunicação em massa há um emissor que detém o poder de decisão sobre as informações, a forma que serão passadas, e o receptor que passivamente recebe o conteúdo, sem um diálogo equivalente de ambas as partes. Em sua teoria denominada Agulha Hipodérmica, essa maneira de comunicação acaba por fazer o receptor aceitar como verdade inquestionável o que a mídia de massa diz, o que traz uma alienação.

Diferente da comunicação de massa, antes vista em nossa sociedade, na comunicação em rede os papéis de receptores e emissores não são mais definidos (MCQUAIL, 2013). Os receptores já não aceitam passivamente o que os é transmitido, mas participam influem na mensagem. Os emissores, tendo que lidar com essa nova forma de comunicação, tem que adaptar as solicitações dos espectadores, para cativá-los, pois agora eles têm voz e representatividade diante dos meios comunicacionais.

[...] precisamos reconhecer que a comunicação de massa, como descrita, já não é o único meio de comunicação com toda a sociedade (e em nível global). Foram desenvolvidas e assumidas novas tecnologias que constituem uma rede alternativa potencial de comunicação. [...] Ela recebeu complementação de novos meios de comunicação (principalmente a internet e a tecnologia móvel), e os novos tipos de conteúdo e fluxo são transmitidos ao mesmo tempo, diferindo principalmente por serem mais extensos, menos estruturados, muitas vezes interativos, bem como privados e individualizados (MCQUAIL, 2013, p. 14).

McLuhan (1964), um dos principais teóricos sobre comunicação de rede, afirma que o meio é a mensagem, ou seja, o meio em que uma informação é passada é tão importante quanto a informação em si. O autor também afirma que os meios funcionam como extensões do corpo do homem, com toda a tecnologia, os celulares, e as redes sociais, se tornando extensões de nossos dedos, braços e até mesmo cérebro.

Além disso, McLuhan (1972), trouxe o conceito Aldeia Global, que diz que com as novas tecnologias, mesmo que, de certa forma, todos ficariam interligados, os indivíduos iriam sofrer um processo de retribalização, em que formariam bolhas de acordo com seus ideais e local social.

Aplicando tais conceitos ao cenário atual, as redes sociais tornam-se as principais ferramentas para a difusão da comunicação em rede. Para Modesto (2018), essas redes têm sido bastante usadas para a propagação de ideais, pensamentos políticos e ideologias empresariais. Castells (2003), complementa esse pensamento com a teoria de que os meios de rede acabam se tornando também um novo recurso de manipulação, mas dessa vez em forma de movimentos sociais, e não mais de massas.

Uma vez que a internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar (MODESTO, 2018, p.114).

Modesto (2018, apud Silva, 2012), consideram que esse processo de globalização advinda dos movimentos das redes sociais seriam “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (p.6), e que as ferramentas e técnicas desse tipo de rede acabam por ser usadas a serviço de um mercado global, carregadas de um discurso elitista e em favor de ideologias de classes altas.

Destas redes, o *Facebook* é a mais utilizada mundialmente, com mais de 2,7 bilhões de contas ativas, segundo Volpato (2021). Somente no Brasil, são mais de 130 milhões de contas, o que explica a importância política e social desta ferramenta, que nos últimos anos tem se mostrado um grande palco de debates e mobilizações no âmbito político no país.

2.1 Movimento Brasil Livre (MBL)

Deste modo, se justifica a escolha da página do MBL no *Facebook* para representar as mídias em rede neste estudo, pois o movimento administrava a maior página política no Facebook Brasil, contando com mais de 3,2 milhões de seguidores em 2018.

Segundo Araldi (2017), o MBL se originou do movimento Estudantes pela Liberdade (EPL), que consiste em uma organização subsidiada com recursos advindos de *think tanks* estadunidenses, que seriam “organizações ou instituições que trabalham como grupos de interesse, com o objetivo de influenciar transformações sociais, políticas, econômicas ou científicas. Podem ser ligadas a partidos políticos ou empresas privadas” (ARALDI, 2017, p.2), tais como a Atlas Research, que está ligada a Students For Liberty (SFL), a qual o MBL representa no Brasil.

O movimento, composto em 2014 pelos jovens Kim Kataguirí, Renan Santos, Gabriel Calamari, Frederico Rauh e Alexandre Santos, fundamentam sua base político-ideológica nos autores neoliberalistas e conservadores, como Milton Friedman, Russel Kirk e Edmund Burke, tais quais acreditam que a civilização alcançará seu potencial, com a diminuição do poder do estado e a valorização da liberdade individual.

O MBL, que se autointitula um grupo liberal, prega uma sociedade livre de corrupção e contrários aos ideais progressistas. Desde seu início incorporou um discurso apartidário e se apresentou como um “movimento de “esperança”, vendendo possíveis soluções – o impeachment, o modelo neoliberal para a volta do crescimento econômico, o fim da corrupção – para atender os anseios e as demandas da população descontente” (ARALDI, 2017, p.6).

Foram grandes protagonistas nas “jornadas de junho” em 2013, também as que ocorreram no final de 2014, em São Paulo e Rio Grande do Sul, em apoio à Operação Lava

Jato. Além disso, foram de grande importância para os protestos e ações contra o Governo Dilma, que depois culminaram em seu impeachment.

2.2 Neoliberalismo de Friedman

De acordo com Friedman (2014), o liberalismo tem como princípio e objetivo último a liberdade dos indivíduos perante a sociedade. Mesmo que o autor seja considerado um dos precursores do neoliberalismo, não utiliza esse termo em sua obra, e sim o termo 'liberalismo', porém afirma que o usa por falta de opções e que tal termo perdeu seu sentido real ao longo dos anos. Desta forma, o que o autor definia em seu livro eram ideias que atualmente são consideradas neoliberais. Segundo o pensador, a história mostra que o capitalismo é uma "condição necessária para a liberdade política" (p.18), mas não é o suficiente. Seu pensamento sugere que para uma liberdade total é necessário toda a sociedade seja pensada de forma neoliberal, economicamente e politicamente.

Para que isso ocorra, o autor afirma que alguns preceitos devem ser seguidos, tais quais a consolidação de um estado mínimo. A função do governo deve ser limitada a "proteger nossa liberdade contra os inimigos externos e contra nossos próprios compatriotas; preservar a lei e a ordem; reforçar os contratos privados; promover mercados competitivos (p.12)", e que os problemas éticos devem ficar restritos ao próprio indivíduo, cada um deve decidir como lidar com a própria liberdade. Neste caso, uma sociedade socialista jamais poderia ser considerada democrática, pelo contrário, segundo o autor o comunismo destruiria todas as formas de liberdade.

Friedman critica a economia coletivista, reiterando que mesmo nas sociedades democráticas o bem-estar da população se tornou mais importante do que a liberdade individual. Para ele, quando um governo adota essas práticas pode melhorar o desempenho em inúmeras áreas locais, porém durante o processo acaba substituindo progresso por estagnação, causando uma "mediocridade uniforme em lugar da variedade essencial para a experimentação que pode trazer os atrasados do amanhã por cima da média de hoje (p.13)".

O autor também se mostra contrário à maioria dos projetos sociais oferecidos pelos governos aos menos desfavorecidos economicamente, o que relaciona a um tipo de coerção empregada aos que não são contemplados. Segundo ele, não há lugar para uma troca a menos que ambas as partes saiam beneficiadas, e em uma sociedade realmente liberalista haveria a cooperação voluntária dos indivíduos, estimulada pelo mercado, sem a interferência estatal.

Fundamentalmente, só há dois meios de coordenar as atividades econômicas de milhões. Um é a direção central, utilizando a coerção - a técnica do Exército e do Estado totalitário moderno. O outro é a cooperação voluntária dos indivíduos - a técnica do mercado (FRIEDMAN, 2014, p.21).

O autor acredita que os grupos considerados minoritários socialmente, como negros, mulheres e estrangeiros, por exemplo, são os que tem maiores motivos para defender o fortalecimento do capitalismo competitivo, porém ao invés de “reconhecer que a existência do mercado os protegeu das atitudes de seus compatriotas, eles erradamente atribuem a discriminação ao mercado (p.201)”, e preferem crer em práticas de cunho socialista em que o governo tira de uns para beneficiar outros.

Para Friedman, o sistema capitalista é o único que verdadeiramente protege os cidadãos da coerção e da discriminação, visto que, como o mercado é impessoal, separa as atividades econômicas de outros elementos “irrelevantes” para a produtividade, como cor de pele ou opiniões pessoais, assim promovendo grande diversidade.

O consumidor é protegido da coerção do vendedor devido à presença de outros vendedores com quem pode negociar. O vendedor é protegido da coerção do consumidor devido à existência de outros consumidores a quem pode vender. O empregado é protegido da coerção do empregador devido aos outros empregadores para quem pode trabalhar, e assim por diante. E o mercado faz isto, impessoalmente, e sem nenhuma autoridade centralizada (FRIEDMAN, 2014, p.22).

2.3 Métodos de Laclau e Mouffe

Seguindo o que Laclau e Mouffe (2015, p.38) denominam de ponto nodal, ou significante mestre, para a formulação de uma hegemonia se cria um “elemento particular” que assume uma “função estruturadora universal” do discurso abordado. Deste modo, qualquer organização que tal elemento tenha é apenas acerca dessa função, sem, necessariamente, ter relação com a sua particularidade.

Dentro deste sistema se dá o processo que os autores chamam de lógica de equivalência e lógica de diferença, sendo estes, elos entre particularidades dentro de uma totalidade. Sobre esta totalidade, como já dito “assume a representação de universalidade” (p.40), mas não se dá realmente, pois, segundo os autores os resultados advindos desse processo seriam a universalidade contaminada, em que o elemento vive em tensão sobre sua natureza universal ou particular, e o fato dessa universalidade jamais ser definitiva, podendo ser revertida a qualquer momento.

Falando sobre a lógica da diferença, esta se relaciona com talvez o que seja o argumento central do pensamento abordado na obra: o antagonismo. Para os autores, este antagonismo não se dá por meio de relações objetivas, mas através da ideia de limites. O que ultrapassa esse limite estaria à margem da equivalência, não poderia estar dentro do espectro do significante.

“Para que haja hegemonia, o requisito é que os elementos cuja própria natureza não os pré-determina a fazerem parte de um arranjo ou de outro conivjam, em decorrência de uma prática externa ou articuladora” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p.39)

Os autores também sugerem que nem sempre os problemas relacionados ao antagonista são reais. “Na verdade, as articulações político-hegemônicas criam retroativamente os interesses que precisam representar” (p.39), ou seja, os atores sociais basicamente criaram um problema para que, assim, as pessoas enxerguem somente em seus discursos hegemônicos a solução. Estas relações criam os vínculos hegemônicos que transformam a identidade dos sujeitos, mas que como dito, não são fixas, podendo mudar a qualquer momento. Para os autores, não há nenhum “nós” que seja plenamente inclusivo, “toda a ideia de consenso é o resultado de uma articulação hegemônica, a qual sempre tem um exterior que impede sua plena realização (p.46)”.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, analisando postagens da página oficial do MBL no *Facebook* entre o dia 1 de Setembro de 2018 até 8 de Outubro do mesmo ano, dia posterior ao primeiro turno das últimas eleições presidenciais. Foram 109 posts durante o período, coletados por meio de prints da página, sem considerar as postagens repetidas.

Com o intuito de entender de que forma o MBL estrutura e dissemina os ideais e discursos neoliberalistas a partir de suas postagens, foi utilizada a teoria de construção de discurso hegemônico de Laclau e Mouffe (2015), em que, como já mencionado, o emissor define um significante, ou ponto nodal, que engloba elementos que se ligam por equivalência e representam o “nós”, e outro significante com elementos de diferença, que representa o “eles” ou “outros”. Neste caso, este estudo busca compreender o que o MBL define como parte de seu grupo hegemônico, ou conjunto, e quem estaria fora, ou seja, o antagonista.

Também se faz necessário descobrir quais signos são colocados dentro de cada uma dessas definições e se o MBL constrói seus discursos a partir da propagação de seus ideais ou da deslegitimação dos ideais contrários.

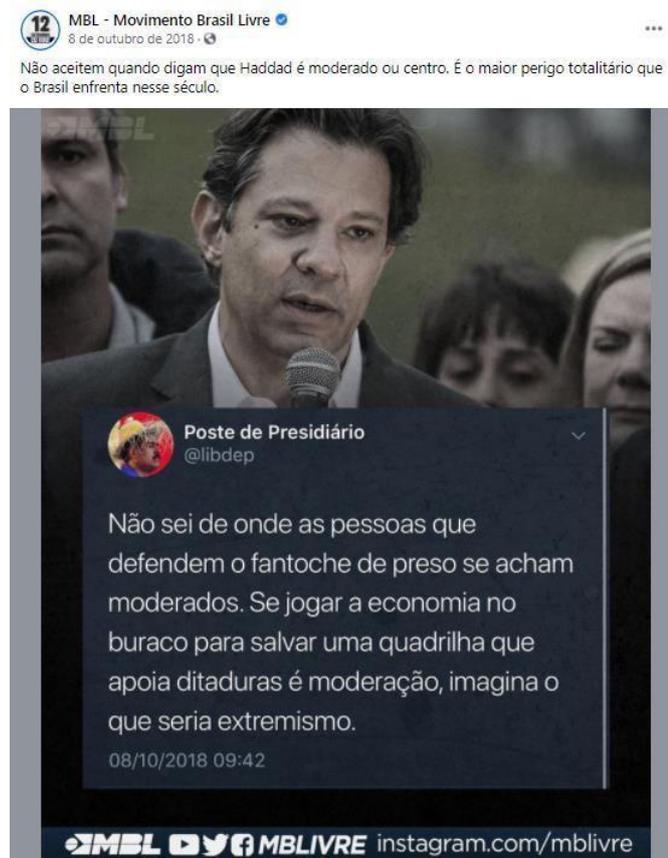
Além disto, esta análise tem por objetivo identificar semelhanças dos discursos do MBL com os conceitos de Friedman (2014), aqui abordados, e de que forma tais mensagens são propagadas na rede social utilizada, se reforçam ou não conceitos de mídia de rede e aldeia global de McLuhan (1972) e McQuail (2013) e no que se diferem das mídias de massa.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Analisando os posts do MBL por meio dos conceitos de Laclau e Mouffe (2015), pode-se identificar o emprego dos significantes universais “Brasil” para se referir ao nós e “PT” ou “Petista” para se referir ao antagonista. Essa definição talvez não seja utilizada de forma consciente pelos autores da página, mas a palavra e a ideia de Brasil aparecem inúmeras vezes nas postagens atreladas a conceitos do neoliberalismo, ideal que o grupo tenta legitimar e homogeneizar, buscando que este se torne um discurso hegemônico diante da população brasileira.

Para alcançar este objetivo, o MBL lança mão de elementos de equivalência e de diferença, que como abordado por Laclau e Mouffe (2015), tem por convergência única seu ponto nodal, aqui já definido. Dentro do espectro de “Brasil” definido pelo movimento estão os honestos, os morais, o povo, o homem comum e os democraticamente eleitos, desta forma, os outros seriam corruptos, os imorais, a esquerda e os ditadores. Aliás, a ideia do nós que defende a democracia, enquanto o outro, neste caso o PT, almeja o totalitarismo é bastante difundida nos posts. Essa ideia também vai de encontro aos conceitos neoliberalistas de Friedman (2014), que considera que a democracia real somente é alcançada em um regime capitalista. O Partido dos Trabalhadores é comumente chamado de totalitarista e comunista ao longo do período, mesmo que, de fato, jamais tenha instituído tais práticas enquanto esteve no poder. Um dos exemplos é a postagem abaixo, feita no dia 08 de outubro de 2018, em que o grupo afirma que Haddad ser eleito é “O maior perigo totalitário que o Brasil enfrenta neste século”.

Figura: Post do MBL em 8 de outubro sobre Haddad.



Fonte: Página MBL Facebook/ Reprodução.

Outro ponto bastante abordado pelo MBL e visto no post, é a ideia de que o então candidato à presidência, Fernando Haddad, seria apenas um “fantoche” do ex-presidente Luís Inácio “Lula” da Silva, algumas vezes é até chamado de “poste”. Segundo os discursos da página, o poder do PT está concentrado em Lula, a quem chamam de “presidiário” e os outros, como o movimento feminista, ou o Movimento dos Sem Terra (MST), somente agiriam sob suas ordens. Em algumas postagens, como a vista abaixo, do dia 30 de Setembro, essa dualidade é ainda mais abrangente, já que considera que todos os que se manifestaram contra o então candidato Jair Bolsonaro, seguindo o movimento #EleNão, estariam desta forma manifestando apoio a Lula.

Figura: Post do MBL sobre movimento #EleNÃO.



Fonte: Página MBL Facebook/ Reprodução.

Percebe-se que, assim como abordado na obra de Laclau e Mouffe (2015), a prática de deslegitimar o discurso do antagonista muitas vezes é mais importante do que legitimar o seu próprio. Analisando o caso do MBL, podemos dizer que por vezes o nós é formado pelos limites do outro, ou seja, validando uma ideia de que somos o que o outro não é. Ou seja, quando o grupo ataca o PT, e quem considera que esteja deste lado, dizendo que “apoiam ditaduras”, são “mentirosos”, “golpistas” e representam a “velha política”, como descrito no post abaixo, automaticamente estão afirmando que eles mesmo, e quem os apoia, seriam o contrário, apoiariam a liberdade, a verdade e seriam representantes da “nova política”, mesmo sem dizer concretamente. No caso desta “nova política”, estaria mais de acordo com os preceitos do neoliberalismo, defendidos pelo movimento.

Figura: Post do MBL sobre “velha política”.



Fonte: Página MBL Facebook/ Reprodução.

Outra questão é a da universalidade contaminada, que também está dentro dos conceitos de Laclau e Mouffe (2015), um dos exemplos desta ideia dentro do estudo de caso do MBL é a relação do grupo com a mídia, principalmente a hegemônica, que não tem um papel bem definido dentro de nenhum dos significantes, vivendo em constante tensão entre os lados. Em um post o grupo ataca o jornal Estado de S. Paulo, no dia 26 de Setembro, dizendo que a grande mídia está “inventando fake News” sobre o Carlos Bolsonaro publicar uma simulação de tortura em seu *Instagram*, insinuando que a mídia é petista, em outro, no dia 29 de Setembro, parabeniza o jornal Estado de S. Paulo em uma publicação em que este afirma que o PT quer instaurar o totalitarismo no Brasil. Observamos então, que o papel da mídia na construção do discurso neoliberalista é variável, utilizada pelo MBL de acordo com seus interesses no momento.

Figura: Post do MBL questionando o Datafolha e IBOPE.



Fonte: Página MBL Facebook/ Reprodução.

Indo além dos conceitos de hegemonia, vale ressaltar que o objeto de análise é uma página no *facebook*, e se assemelha de preceitos como o de Aldeia Global observados na obra de McLuhan (1972), já que, como visto no post acima, o MBL aparenta somente aceitar os discursos que reforçam o que acreditam e atacam os pensamentos contrários, contribuindo assim, para a formação das bolhas definidas pelo autor.

Também se enquadram nos conceitos de mídias de rede de McQuail (2013), visto que propagam vários fluxos e tipos de conteúdo em um mesmo dia. Em relação a estrutura das postagens do grupo, também são percebidos traços dos conceitos de McQuail, pois geralmente são interativos, levando o receptor a outras redes do MBL, através de links, como Blog, *lives* e o canal do movimento no *youtube*. Além disso, os discursos são menos estruturados, geralmente utilizando poucas linhas, com pensamentos bem diretos e de fácil assimilação, com a utilização de palavras simples.

Um ponto em que o Movimento Brasil Livre utiliza os mesmos conceitos de Friedman (2014) acerca do neoliberalismo é o apontado na imagem abaixo. Como citado anteriormente, o autor acreditava que o capitalismo e o neoliberalismo eram benéficos para as minorias, sendo os únicos sistemas que os protegiam verdadeiramente da opressão e discriminação. Na postagem, o MBL exemplifica este ponto, ao afirmar que a direita elegeu a mulher, o negro e o oriental mais bem votados do país, ambos vistos como minorias. Além deste ponto, o grupo comemorou a eleição somente de governadores que seguiam o ideal liberal, como João Dória (PSDB), em São Paulo, e Romeu Zema (Novo), em Minas Gerais.

Figura: Post do MBL questionando o Datafolha e IBOPE.



Fonte: Página MBL Facebook/ Reprodução.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisando os conceitos aplicados e as análises realizadas, foi possível perceber que o Movimento Brasil Livre utilizou das mídias sociais, mais especificamente sua página no *Facebook*, para disseminar as ideias neoliberalistas no período das eleições presidenciais de 2018 de forma sutil, tentando promover um discurso hegemônico que deslegitimasse seu antagonista, representado majoritariamente pelo Partido dos Trabalhadores, atacando constantemente as ações do PT e de qualquer um que discorde de seus posicionamentos.

Para propagar seu discurso o MBL utilizou de técnicas de *ponto nodal*, ou *ponto nodal*, já conhecidas por Laclau e Mouffe, para criar uma equivalência entre aqueles que têm pensamentos parecidos com os do grupo, e assim formar um vínculo hegemônico com os sujeitos que buscam atingir. Neste caso, o grupo se mostra quase como um justiceiro, lutando contra os problemas que afligem a população brasileira, por exemplo a corrupção, a manipulação midiática e o medo das ditaduras, dirigindo a culpa desses problemas simplificada ao PT e apresentando uma esperança: o ideal neoliberalista. Ao usar frases como “o Brasil não tolera mais o PT”, ou “O Brasil foi às ruas contra o comunismo”, o MBL toma para si o termo “Brasil” como seu *ponto nodal*, que engloba simbolicamente todos os que concordam com seu discurso. Fica claro que, quando o MBL e seus aliados se auto-intitulam de Brasil, ignoram uma grande parcela da população brasileira, que não pensa da mesma forma, lembrando que Haddad obteve 44,87% dos votos no segundo turno. Dentro

do “Brasil” do MBL só tem espaço para os honestos, os moralistas, o povo (que também só é considerado quem concorda com os ideais do grupo), entre outros.

Porém, como dito por Laclau e Mouffe, quando se toma um significante para si, ele somente tem qualquer organização acerca desta função, sem, necessariamente, ter relação com a particularidade real do elemento, ou seja, o significado real de “Brasil” não precisa ser levado em consideração, neste tipo de análise o que tem relevância é o sentido empregado a palavra pelo grupo. Em suma, o Brasil exerce função de nós para o MBL, enquanto ao PT fica destinada a função do outro.

Nesta construção de discurso, o MBL também se coloca como defensor da democracia e do capitalismo, mas não de forma direta. Como já dito anteriormente, faz isso pela técnica do estabelecimento de limites ao antagonista. Se para o MBL, o PT defende o totalitarismo, o comunismo e a corrupção, fica claro que o movimento está localizado no oposto dessas ideias. Por essa razão pode-se dizer que a formação e disseminação do discurso neoliberalista é sutil, pois, em momento algum o grupo precisa externalizar que defende o capitalismo, por exemplo, basta atrelar o comunismo ao antagonista e atacar o pensamento que a ligação simbólica é realizada.

Sobre as diferenças diante da mídia tradicional, é notável que a página possui maior liberdade de fala, com expressões vistas no cotidiano de seus seguidores, utilizando termos que injuriam os demais, tais como “bandido”, “esquerdopata”, “burro” e entre outras posturas, as quais a televisão, por exemplo, não tolera. Além disso, a rapidez e a interatividade da internet faz com que esse tipo de comunicação faça com o que espectador se sinta incluído no diálogo e assim se mantenha mais interessado.

Desta maneira, o movimento se assemelha ao discurso de Aldeia Global de McLuhan (1972), de que as redes sociais iriam acabar criando de fato bolhas sociais, em que os indivíduos somente teriam contato com o que já acreditam, sempre reforçando seus pensamentos e excluindo os que diferem. Ademais, como citado anteriormente, é possível ver outras características das mídias de rede analisando os posicionamentos do MBL à medida que utilizam de palavras e ideias de fácil assimilação, simplificam problemas sociais complexos, apresentando soluções rasas e sem comprovações de resultado, e manipulando as informações de forma que beneficiem seu discurso.

6. REFERÊNCIAS

ARALDI, Lucas. **O antipetismo do MBL – um breve resumo**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom, Caxias do Sul – RS, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0466-1.pdf>. Acesso em 05 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Brasil: Zahar, 2003. 340 p.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade**. Rio de Janeiro: Ltc, 2014. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/MILTON%20FRIEDMAN/Capitalismo%20e%20Liberdade%20-%20Milton%20Friedman.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. 2. ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2015. 286 p.

LASSWEL, Harold D. **Propaganda Technique in the World War**. Michigan, reimpressão, Editora Peter Smith, 1927.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1972. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/00/McLuhan_Marshall_A_galaxia_de_Gutenberg_A_formacao_do_homem_tipografico_1972_BR-PT.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo: Penso, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WSRCDXr1SYIC&printsec=frontcover&dq=denis+mcquail+teoria+da+comunicação+de+massas&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjcxuqe18LeAhVGFpAKHQ4DEwQ6AEIKTAA#v=onepage&q=denis%20mcquail%20teoria%20da%20comunicação%20de%20massas&f=false>. Acesso em: 06. Jun 2020.

MODESTO, Salem Edrey. **Globalização, neoliberalismo e redes sociais: a ascensão do movimento brasil livre (MBL)**. 2018. 32 f. Tese (Doutorado) - Curso de Licenciatura em História, Universidade do Estado do Amazonas, Amazonas, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/933>. Acesso em: 06 jul. 2021.

VOLPATO, Bruno. **Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021, com insights e materiais gratuitos. 2021**. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 29 out. 2020.

Contatos: beatrizoliveira74@hotmail.com e viniciusprates.vp@gmail.com